

[Isabella] Olá, eu sou a Isabella França.

[Liz] E eu sou a Liz Hermann.

[Tiago] E eu sou o Tiago Rodrigues e você está ouvindo o episódio 17 do podcast “Entre Nós”: um podcast feito por mulheres e para mulheres, com conversas curtas, honestas e semanais, que vão nos ajudar a desatar com mais clareza alguns nós difíceis que a vida nos dá. Fica com a gente.

•••

[Isabella] Bom, como vocês ouviram na introdução, hoje o podcast está um pouquinho diferente porque a gente tem o nosso primeiro convidado. E eu estou me sentindo como se estivesse recebendo alguém na minha casa pela primeira vez, só que o problema é que eu acabei de me mudar! Porque a Liz é rata de podcast, o nosso convidado também já está acostumado, mas eu sou novata ainda, então confesso que eu estou um pouquinho nervosa, mas vamos lá.

Antes de mais nada, a gente precisa conhecer quem é o nosso convidado de hoje, então eu vou pedir pra ele mesmo se apresentar.

[Tiago] Então tá, eu sou o Tiago Rodrigues. Eu sou pastor aqui em São Paulo e hoje eu trabalho no Colégio Adventista da Liberdade e trabalho num projeto de missão urbana: um centro de influência na Vila Madalena, e eu estou muito grato por estar aqui com vocês e ser o primeiro convidado, né? Espero fazer direitinho pra que vocês se inspirem a convidar outras pessoas também (risos) e não fechar a porta pra ninguém.

[Liz] Vamos ver, vamos ver. Esse aqui é o estágio probatório. (Risos) Tiago, só conta pra gente de onde você é, originalmente.

[Tiago] Eu sou natural de Serra Negra, que é interior de São Paulo. É perto daqui da capital mas é uma cidade bem pequena, de uns 30 mil habitantes. Eu nasci e cresci lá e saí pra ir para o internato e depois não voltei mais. Mas meus pais estão lá ainda.

[Liz] Só para os nossos ouvintes que não são adventistas do sétimo dia entenderem, quando a gente fala de internato, não quer dizer que a pessoa se comportou mal. (Risos) Na igreja adventista é comum.

[Tiago] É, foi uma escolha minha. (Risos)

[Liz] Exato, você não foi mandado pelos pais, de castigo. Na igreja adventista são comuns os colégios que têm internato, ou seja, você pode morar no colégio, normalmente durante o ensino médio. E a outra coisa que o Tiago citou foi o termo “centro de influência” que nada mais é que uma forma de missão na qual a gente entende que é uma presença na comunidade, uma influência positiva. Normalmente é um centro comunitário, ou um centro de serviços... Tem uma variedade de formas.

[Tiago] É isso mesmo. O nosso é na Vila Madalena, que é um bairro bem tradicional aqui de São Paulo, de muito movimento, e muito movimento artístico também, e no nosso centro a gente tenta oferecer algum tipo de suporte pra comunidade, de acordo com as necessidades e as demandas que ela vai trazendo.

[Isabella] Muito legal! Obrigada mais uma vez, por estar aqui com a gente e por aceitar o nosso convite. Vocês também vão perceber que esse episódio vai ser um pouco mais longo, porque não dá pra cobrir tudo nos nossos costumeiros quinze minutos. A gente acabou de sair de uma série que durou todo o mês de julho, que foi sobre relacionamentos, e o episódio de hoje tem o título de “Construindo diálogos”, então a gente vai continuar nessa temática de relacionamentos, mas agora numa perspectiva diferente.

Quando eu estava montando esse episódio, eu lembrei do verso que está em Gênesis 2:18 - “Não é bom que o homem esteja só.” - e eu acho que no mês de julho a gente cobriu bastante esse tema de relacionamento amoroso entre homem e mulher, mas eu fico me perguntando se esse verso tem a ver só com essa perspectiva do relacionamento amoroso, ou se Deus também não estava falando do relacionamento entre homens e mulheres de uma forma geral, e da importância dele nos mais diversos aspectos da nossa vida. E como a gente não podia fazer um episódio sobre diálogo entre homens e mulheres só com duas mulheres, então aqui está o motivo porque temos hoje o Tiago entre a gente. (Risos)

[Liz] E eu acho que a gente vai ter que, finalmente, mudar a introdução do podcast porque os homens já estão reclamando que não se sentem acolhidos. Hoje mesmo eu ouvi uma reclamação de um homem que começou a escutar e pensou que não era pra ele, porque fala que é pra mulheres, mas acho que tem muito a ver com o que a gente vai conversar hoje também.

[Isabella] Exatamente. Quando eu estava lá nas Filipinas, eu estava lendo um livro sobre desenvolvimento social e sobre pobreza - o nome é “Quando ajudar machuca” - e ele fala, lógico, de pobreza em termos financeiros, em termos de desenvolvimento social, mas ele fala que pobreza não é falta de dinheiro. Que na verdade, falta de dinheiro é um resultado da pobreza, mas ele define pobreza como quebra de relacionamentos, tanto entre pessoas, entre você e Deus, você com você mesmo e você com a natureza. E eu fiquei pensando nessa questão da pobreza em relação aos relacionamentos: toda vez que a gente exclui uma parcela da população quando se trata dos nossos relacionamentos, a gente se torna cada vez mais pobre, justamente porque a gente não está ouvindo o lado do outro.

E a gente tem vivido uma fase de muitos antagonismos e muitas discussões, e aqui nesse caso a gente vai falar sobre homens e mulheres, onde cada um tem as suas lutas e os seus pontos de vista, e o episódio de hoje é justamente pra falar sobre essa questão dos diálogos. Então eu queria agora jogar pra vocês: o que vocês entendem dessa questão que a gente vive hoje, dessa dificuldade de construir diálogos que são construtivos mesmo em âmbitos que muitas vezes geram muita oposição?

[Tiago] Eu acredito que a gente tem um problema quando a gente pensa na construção de diálogos: se a gente está falando de diálogos, a gente está partindo da ideia de que tem duas pessoas com direito de falar e direito de ouvir. E quando a gente pensa historicamente na questão entre homem e mulher isso é recente, é recente existir diálogo. Sempre foi algo muito mais assim: o homem fala e a mulher tem apenas

um lugar de escuta e, na verdade, não precisa nem ouvir muito; ela precisava simplesmente aceitar uma programação que já existia.

Então concebendo que há um diálogo entre iguais, onde o homem tem o seu lugar de falar, como vocês me trouxeram aqui pra falar pensando na perspectiva masculina, mas a mulher também tem esse lugar. Então quando a gente pensa na construção de diálogo, a gente tem que pensar que a gente está fazendo algo que a gente não soube fazer ainda, que a gente ainda não conseguiu fazer na história. Não é algo que a gente está resgatando, não é algo que a gente está redescobrimdo, não é algo que nos é natural. É algo que é novo e nós estamos criando um caminho. Todos os lugares, todos os espaços em que são criados diálogos são espaços novos. Nós estamos aprendendo a dialogar. O diálogo entre homens e mulheres está apenas começando.

[Isabella] E eu vejo que justamente por isso que você está falando, essa questão de ser um espaço novo, uma prática nova, a gente vê hoje muito forte esse movimento de mulheres se unindo pra conversar e discutir sobre essas questões e assuntos. Durante muito tempo existiu a prática de criar programas, dentro e fora da igreja, voltados para mulheres, onde as mulheres se uniam para falar sobre questões predominantemente femininas, e lógico que esse é um movimento super válido e a gente precisa disso até pra que a gente aprenda umas com as outras o que está acontecendo. Mas a minha preocupação mais recente é que se a gente começar a ouvir só a nós mesmas, dentro de um determinado assunto, a gente acaba ficando com uma visão do mundo muito viciada das coisas de uma forma geral.

Muitas vezes a gente tem uma certa dificuldade de abrir esse espaço para outras pessoas - e nesse contexto, para os homens. E quando a gente faz, muitas vezes, é de uma forma armada, com o intuito de educar os homens, e não de forma tão frequente com o intuito de ouvir e de trocar ideias. E a gente tem essa necessidade de ouvir justamente o outro lado da moeda e é o que a gente está fazendo aqui no podcast.

Como a Liz falou no começo, é um podcast feito por mulheres e para mulheres, mas a gente quer ouvir a voz dos homens e a gente quer também que os homens se incluam nessa discussão, que muitas vezes tem um viés extremamente feminino, mas a gente quer ouvir qual é a visão dos homens em relação a esses assuntos. E minha pergunta volta para vocês: como os dois lados, então eu queria ouvir um pouquinho de cada um, podem se beneficiar quando a gente constrói esses diálogos mesmo em assuntos marcados pelo gênero? Por exemplo, trazer discussões femininas para ambientes masculinos, e vice-versa.

[Liz] Eu acho que uma coisa que até vem muito do que a gente acabou fazendo aqui com esse podcast, é essa ideia do nosso espaço estar delimitado já. Hoje em dia eu olho para o podcast tendo menos que 20 episódios, e acabou que a gente queria falar de uma coisa que poderia ser facilmente pra todo mundo escutar, mas a gente já acaba entendendo que homem não vai dar bola pra isso. No sentido de, se a gente vai falar de coisas de mulher, então é só pra mulher - mas quem disse que é só pra mulher?

Eu tenho vários amigos homens que escutam esse podcast e falam que estão ouvindo para escutar mais sobre o mundo feminino, mas essa não é uma fala comum. Eu acho que isso vem de toda essa questão que o Tiago comentou que a gente está tentando algo novo como sociedade e às vezes nós, mulheres,

nos traímos no sentido de que nem a gente acredita que no fim das contas esse é um podcast feito por mulheres para homens e mulheres, porque a gente já acredita que muitos dos homens não vão querer ouvir isso, quando na verdade esse diálogo só vai acontecer quando os dois estiverem dispostos a ouvir. Não só ter o espaço de fala, mas ter a disposição de escutar também. Eu acho que esse é o processo que a gente ainda está caminhando a passos bem lentos e tateando no escuro ainda: como que a gente pode ter esse diálogo. Que tenha abertura para falar, mas tenha também interesse de ouvir.

[Tiago] Eu acredito muito que quando a gente pensa nessa necessidade de interesse, da disposição, de uma escolha de se expor à perspectiva do outro, de uma escolha de colocar as lentes do outro para ver a realidade... quando isso acontece a gente também sai do outro limite de não são assuntos simplesmente femininos, ou assuntos simplesmente masculinos, mas é a visão feminina da vida e é a visão masculina da vida. A gente às vezes cria uma delimitação e aí nós, que somos homens, vamos ouvir as mulheres falando sobre assuntos que tradicionalmente são falados pelas mulheres. Só que existem assuntos que são comuns à existência humana: os dilemas da existência, quando a gente pensa sobre espiritualidade, quando a gente pensa sobre religião, carreira e tudo mais. Em relação a tudo isso, a mulher tem uma perspectiva dela e que é diferente da minha perspectiva.

Acho que quando você pergunta sobre o benefício, eu acho que o benefício pra nós, que somos homens, é entender um pouquinho melhor o momento em que a gente está, e é preciso um movimento de humildade pra ouvir, mas isso reforça a humildade de que nem todo mundo está partindo do mesmo ponto: tem pessoas que tem visões diferente, que tem caminhos diferentes. Os vínculos então, são mais bem construídos. Quando você falou da pobreza, então aí a gente se enriquece porque a gente dá espaço pra vínculos reais, vínculos de uma escuta atenta, alimentadas por empatia. Então acredito que a gente se enriquece como comunidade, como sociedade, quando existem esses diálogos, e a gente se conecta com uma diversidade que faz parte da gente. Não ouvir as mulheres não faz com que os dilemas e as dificuldades deixem de existir; eles simplesmente não foram ouvidos, mas eles continuam existindo. Ao ouvir eu tomo ciência disso, tomo ciência da realidade dentro da perspectiva feminina e acho que a gente se conecta com essa pluralidade que a gente tem dentro das nossas comunidades e da nossa sociedade.

[Isabella] E se a gente parar pra pensar, boa parte das discussões femininas que, por exemplo, eu tenho com amigas minhas, são discussões que dizem respeito a esse relacionamento entre homens e mulheres, tanto do lado amoroso, que acho que é mais óbvio, mas também em outras áreas. Então quando a gente está falando de ocupar esses espaços, a gente está falando justamente disso, de chegar junto. Então se a gente não inclui os dois lados na hora de conversar, realmente a gente não vai conseguir de fato chegar a uma solução. O que pode acontecer é um grupo tomar o espaço e excluir o outro, o que é um outro problema e não é isso que a gente quer.

[Liz] E acho que esse é que é meu incômodo: de que a gente ainda está nos primeiros passos. A gente ainda está falando de ouvir a mulher quando eu na verdade já estou pensando, por exemplo, por que a fala em certos assuntos não é vista da seguinte forma: a fala é masculina e a gente precisa ouvir? Não, a fala masculina é o dado, é a visão oficial daquele assunto, e por que a mulher não pode ter um espaço tão legítimo quanto o do homem? Por exemplo, na minha área: eu não quero ser a voz feminina sobre missão. Eu tenho total legitimidade, assim como um homem, de falar de missão e não é porque eu estou apresentando o viés feminino de missão.

Já passou da hora da mulher ter legitimidade pra falar de um tema simplesmente porque ela fala sobre aquele tema. Ela não está falando daquele tema de um viés feminino, ela está falando como autoridade naquele tema, e ponto. Mas eu acho que a gente está tão longe disso que a gente acaba tendo que lutar tanto, como mulher, pelo espaço de ser escutada que aí é melhor ser escutada como uma voz feminina do que não ser escutada mesmo! Mas eu acho que é um processo pra chegar nesse ponto e ter um diálogo em que a gente está falando como seres humanos, contribuindo para uma área de saber, para uma área de conhecimento.

[Tiago] E aí tem uma coisa interessante: a competência não é uma questão de gênero, né? Você, por exemplo, Liz, tem a competência pra falar sobre missão porque você viveu, estudou e sabe, ponto. Não é uma questão de gênero. Mas a gente tem uma estrutura tão viciada que ela está se vendo na necessidade de abrir espaços de representatividade e aí essa competência é legitimada só depois que se abre esse espaço porque é mulher. Então, se abre um espaço porque é mulher e aí ela tem que legitimar a sua competência e deixar claro que ela já tem as habilidades, as informações e todo o conhecimento necessário.

E quando a gente fala de representatividade em diversos aspectos, inclusive na questão de gênero e nos ambientes religiosos também, a gente está falando sobre abrir esse espaço porque essa mulher que é competente não está sendo vista. Então ela primeiro precisa ser vista, e quando ela é vista a competência dela também é vista e então ela sai desse lugar aonde ela entrou ali por ser mulher. Essa é uma próxima etapa.

[Liz] Eu acho que é mais pra evitar esse negócio de praticamente ser cota de mulher. “Ah, vamos pedir pra fulana falar pra ter uma visão feminina sobre o tema, mas os 98% restantes vão ser homens.” E aí me soa mais como dar só um espacinho pra ter uma voz quando na verdade a gente vai ganhar muito mais se tiver mais mulheres falando pelo simples fato de que elas possuem conhecimento para agregar independentemente de serem mulheres.

[Tiago] E aí você sabe disso mais do que eu, mas quando a gente olha, por exemplo, pra essa questão de missão é voluntariado. A gente tem uma porcentagem de mulheres no voluntariado senão igual, até maior do que de homens.

[Liz] Maior, em missão principalmente.

[Tiago] Então se a gente fosse pensar em fazer um momento aqui de ouvir relatos missionários, por exemplo, teoricamente, se a gente pensar estatisticamente, a quantidade de mulheres falando desses relatos deveria ser muito maior do que a de homens, porque é uma maior quantidade delas que está tendo essa vivência. Só que não é isso que acontece, e não acontece exatamente por isso: essa coisa de que a mulher é capaz de viver, mas para comunicar o homem é melhor comunicador do que a mulher, o que é um mito muito real, principalmente nas comunidades religiosas.

[Isabella] E tem muito essa questão do conhecimento, né? Quem tem o conhecimento teórico pra falar sobre aquilo? Em muitos assuntos a gente vai ver essa predominância masculina, e ultimamente essa

questão da espiritualidade tem aberto os meus olhos: de ter mulheres falando sobre espiritualidade. Mas a gente também tem o caso contrário, ou seja, assuntos onde a gente normalmente não vê homens falando e que precisavam muito disso. Por exemplo, falando sobre família, criação das crianças... São assuntos em que o homem precisa estar muito envolvido, mas a gente também não ouve vozes masculinas nesse contexto quase, não só dentro da igreja, mas fora também. Então tem essa questão de que a gente precisa integrar e ver que não tem necessidade da gente dividir esses espaços e dizer que esse é pros homens e esse é para as mulheres.

Eu vivi isso muito forte porque a minha primeira formação foi na engenharia e eu contava nos dedos o número de mulheres dentro da sala de aula; e a minha segunda formação foi em design de interiores e era justamente o contrário, você contava nos dedos a quantidade de homens. E a riqueza dos momentos quando a gente tinha o gênero oposto ali nas discussões e em tudo, na verdade.

[Tiago] E tem muito disso dos espaços de domínio: tradicional e historicamente o espaço doméstico é de domínio feminino e o espaço público é de domínio masculino. Então tudo que diz respeito à esfera doméstica é algo que é papel da mulher cuidar, por exemplo, os filhos que são da esfera doméstica, são da mulher. Mas a construção, o trabalho, a carreira já são da esfera pública, então é de domínio do homem. Então essa noção passa a fazer parte das experiências, até mesmo quando a gente pensa nas experiências religiosas, porque a mulher é essa que pode testemunhar dentro de casa, dar um estudo bíblico, de falar seu testemunho pessoal. Na hora de falar na igreja, é o homem que tem essa prerrogativa porque tem essa divisão de espaços: a esfera doméstica é da mulher e o espaço público é do homem.

Então fica essa busca de obter espaços: o homem tem que conquistar espaços dentro de casa que, na verdade, ele nem está muito interessado em conquistar, e tem a mulher que tem que conquistar o espaço público. Essa é uma tensão que precisa ser harmonizada e repensada.

[Isabella] Com certeza. Queria levar um pouco a discussão agora para o exemplo bíblico, sobre onde a gente pode encontrar esses convites pra essa integração dentro da Bíblia. A gente sabe de inúmeras histórias de mulheres na Bíblia que muitas vezes não ganham muito destaque. Eu vejo muito na história de Jesus quando a gente vê as mulheres envolvidas, como por exemplo, a mulher junto ao poço, as Marias e outras mulheres que ficavam servindo a Jesus. O que a Bíblia diz pra gente nesse sentido, de que a gente pode sim se integrar mais e crescer juntos?

[Tiago] A gente sempre pensa na Bíblia dentro de um contexto cultural imediato dos eventos bíblicos e é possível perceber a Bíblia sempre um passo à frente no que diz respeito a tentar corrigir as desigualdades. Algumas pessoas podem pensar que a Bíblia fala algumas coisas machistas ou que ela prefere os homens, por exemplo, mas a gente precisa pensar que a Bíblia não foi escrita no nosso contexto social; ela foi escrita num outro contexto e ela sempre está um pouco a frente. A postura de Jesus é essa: uma postura de alguém que está sempre integrando, valorizando, até mesmo no Antigo Testamento.

É interessante você pensar que quando homem e mulher pecam, a gente tem essa ideia de que foi a mulher que pecou. O fato é que ambos pecaram, e a reação de Deus ao pecado, quando Ele vai propor as sanções por causa do pecado, Ele diz das dores e das dificuldades, mas Ele deixa claro que a mulher seria o caminho pelo qual o Messias viria. De um lado Deus dá a pena pelo pecado, mas junto vem um privilégio,

e que é dado para a mulher. Esse privilégio, quando ele acontece, é sem a participação do homem. O homem vem depois, quando José é convencido para estar e participar da dinâmica, mas é algo que é feito entre Deus e a mulher. A parceria humana entra através dessa figura feminina. De várias maneiras a gente percebe essa presença.

Eu acho importante pensar que não dá pra gente esperar da Bíblia posturas e padrões e um convite à igualdade como as mulheres estão lutando hoje, mas existe sempre um discurso de igualdade à frente do tempo e do contexto imediato de onde o texto está sendo produzido. E isso mostra esse esforço constante que existe onde Deus busca um povo, principalmente, que consiga lidar com essa tensão. A tensão do chamado pra promoção de justiça e igualdade e o tempo em que você está vivendo. O que dá pra ser corrigido no tempo em que você está vivendo, das injustiças e das desigualdades? Não dá pra chegar num 100, mas já dá pra chegar num 10. Então vamos caminhar pra um 10.

[Isabella] E eu acho também que a gente acaba adotando uma postura como se a gente estivesse muito evoluído; como se o que a gente acha que é certo já fosse muito bom. Mas a gente esquece que mesmo que as conquistas tenham sido grandes e o debate esteja acontecendo hoje, com o tempo as pessoas vão olhar pra nossa época e não vão acreditar que certas coisas aconteciam. A gente ainda está muito longe daquilo que poderia ser. Então quando a gente olha pra essas realidades da Bíblia, uma pergunta que sempre vem é: o quanto eu estou distante do ideal? O caminho de Deus, quando a gente vê lá na Bíblia é justamente de trazer as pessoas do contexto delas para algo mais próximo do ideal - e no meu contexto? O que Deus está me desafiando a entender e que eu acho que já está resolvido, mas Ele faz esse convite pra que eu entenda que o padrão de Deus nunca vai ser alcançado aqui. Ele está anos-luz à nossa frente e Ele está sempre nos desafiando. “Você conquistou isso? Que ótimo! Mas tem mais isso aqui pra você conquistar, e mais isso...” E a gente vai seguindo nesse caminho mas sabendo que nessa terra, infelizmente, a gente nunca vai chegar no final.

[Liz] E não desistir no processo por achar que é irrisório o que a gente está conseguindo. Entender que cada geração vai colocar um bloquinho, um tijolo, dessa construção e ir até o final do que a gente está tentando construir. A gente sabe que a próxima geração, por exemplo, minha filha, vai olhar pra mim e falar: “Como você era retrógrada, mãe! Como você era atrasada!” E ela não vai ter ideia do quanto a gente lutou pra ter o espaço que a gente tem.

[Isabella] A gente está seguindo para o final do episódio, mas eu queria que a gente discutisse ainda um pouquinho sobre formas práticas pra gente construir esse diálogo hoje. O que que a gente pode fazer, ou o que a gente já está fazendo, que possa promover esse diálogo e uma riqueza de relacionamento entre homens e mulheres.

[Tiago] Eu acredito que uma das coisas tem a ver com o que a Liz falou que é olhar para a competência. Eu acho que quanto mais a gente valoriza a competência, a experiência, a pluralidade das experiências, mais saudável será. Então nesse exemplo onde eu tenho a Liz falando de missão: nossa visão nesses assuntos é muito masculinizada, a gente fala em convidar um pastor, um missionário e etc. A nossa semântica é masculina porque a gente fala que vai convidar um missionário, a gente vai visitar um médico, mesmo sabendo que você vai numa médica, mas você já chama de médico porque faz parte da maneira

de ser e do funcionamento. Uma coisa então é a gente ter esse olhar de quem é o dono ou a dona da experiência e da competência e dar espaço pra isso.

Outra coisa que eu entendo que é muito importante são as nossas relações imediatas: eu dar espaço para que as mulheres que estão na minha vida - mãe, irmã, amiga e as mulheres que estão na comunidade - falem não apenas dos dilemas e tudo mais, mas dar espaço entendendo essas competências para que elas tenham lugar para serem ouvidas. Eu acho que uma coisa que nós, homens, podemos fazer é dar o nosso lugar para que as mulheres falem. Se eu tenho uma mulher, por exemplo, dentro da minha comunidade ou que eu conheça, e que ela tem muito mais capacidade, competência, experiência pra falar, não tem porque eu assumir aquele lugar. Eu aproveito talvez a minha influência pra ceder um espaço pra que ela fale e, se ela tem mais competência e conhecimento do que eu, será muito mais proveitoso do que eu falar. Então eu acho algo importante que nós, homens, podemos fazer é abrir esses espaços e usar talvez a nossa influência e as prerrogativas que a gente tem pra visibilizar e dar cada vez mais espaço para que as mulheres sejam ouvidas.

[Liz] Eu acho que exatamente seguindo essa linha, é a gente parar de usar termos, por exemplo, como “dar voz às mulheres”. As mulheres sempre tiveram voz, desde o primeiro dia em que Eva foi criada. É simplesmente agora, dar ouvidos. É justamente criar esses espaços de escuta, dar esse espaço pra mulher. Até porque a fala de “dar voz” é de novo tomando o poder, não é democrática. “Sou eu que dou voz pra você.” Eu acho que essa tua fala é muito legal, de criar espaços, porque a voz da mulher já está ali, a competência já está ali, mas é uma questão da gente criar o espaço e abrir os ouvidos para ouvir. E de forma muito prática, no ambiente de trabalho, na igreja, na comunidade de fé.

Eu lembro que eu e a Bella estávamos estudando juntas antropologia e como o tempo todo você fica com aquele olhar: você começa a ver etnia, cor e tudo você começa a codificar daquela forma. Você olha pra um pôster e pensa: “por que só tem gente branca nesse pôster?” Não é verdade? Você começa a ver uma série de questões. Eu acho que a gente tem que ter esse cuidado também. Por exemplo, olhar pra um pôster que a gente vá produzir para o trabalho e questionar por que só tem homem ali, por que só tem homem, branco, e a gente não está dando o espaço pra esses outros grupos falarem, não de um espaço da pessoa x ou y porque ela vai falar vindo daquele lugar. É um espaço porque ela é um ser humano e tem competência pra contribuir. Acho que quando a gente começa a ver o ser humano além desses estereótipos, a gente consegue entender que todo mundo tem o seu espaço de contribuição e a gente pode começar a ser as pessoas que vai abrir esse espaço.

[Tiago] Mas Liz, eu vou falar agora até pela questão racial, por exemplo, porque eu acho que acaba pegando um pouquinho também. Uma coisa que a gente estava discutindo esses dias, que é essa coisa de olhar como seres humanos, mas para a pessoa ser vista como ser humano ela precisa ser visibilizada. E às vezes a visibilização parte exatamente da diferença: eu visibilizo o diferente para que ele seja visto como igual. Eu visibilizo o preto pra que ele seja visto como igual; eu visibilizo a mulher para que ela seja vista como igual.

A minha impressão às vezes é de que olhar todos como iguais é o passo seguinte, o primeiro passo é reconhecer que existe uma diferença.

[Liz] Esse é o equilíbrio que é tão tênue pra mim, sabe? É não se pegar no que a gente chamava em inglês antigamente, quando terminou a fase do apartheid e se falava que você era “color blind”, cego pra cor. Isso não ajuda de forma alguma, exatamente. E não é agora ver todo mundo sem gênero, mas é a gente nem se pegar num extremo e nem no outro. Nem a gente ser cego pra cor e sem gênero, mas nem ficar preso a isso. “Ah, vamos abrir espaço pro preto falar.” “Vamos abrir espaço pra mulher falar.” E aí a gente cria como se fosse todo um sistema de dar um pouquinho para essas pessoas.

Eu acho que é esse equilíbrio de entender a capacidade da pessoa independente do que ela é, mas reconhecendo que essa diferença também agrega. Esse que é o equilíbrio que eu acho que está muito longe da nossa geração, pra ser bem sincera. Eu não estou desistindo, mas eu não acho que isso vai acontecer ainda na nossa geração - da gente conseguir chegar nesse ponto. Eu acho que se a gente conseguir chegar nesse ponto de abrir espaço para a mulher, para a mulher preta, por exemplo, que a gente ainda está muito longe! Acho que se a gente consegue abrir esse espaço já vai ser uma grande conquista. Eu estou tentando ser visionária, estou lá na frente, de que a gente consiga chegar no próximo passo. Quem são be minha filha, ou minha neta vá ver isso. Mas como eu falei, eu acho que a gente ainda está dando um passo de cada vez.

[Isabella] Você está com os olhos da fé, já está vendo quando a questão estiver mais resolvida. (Risos) Mas é o que a gente falou no começo: é tudo muito novo. Então pra mim o primeiro passo é me questionar nas minhas colocações, nos meus questionamentos, nas minhas escolhas... Porque não é porque eu sou mulher que eu não vou fazer escolhas e ter posicionamentos machistas. Isso está entranhado na gente, então é importante se questionar o tempo todo e pensar do porquê eu estou fazendo tal escolha. Pode ser cansativo no começo, mas é o que a gente precisa pelo menos começar a fazer.

Então nessa semana, o nosso convite vai ser diferenciado por gênero também já que a gente acabou de falar sobre isso. Mulheres, convidem homens para conversar sobre questões das mais diversas, mas também questões intrinsecamente femininas. E homens, ouçam a perspectiva feminina em espaços e assuntos tradicionalmente masculinos e em todos os outros também.

E eu quero deixar uma dica pra vocês saberem da onde começar. Na minha opinião, um bom lugar é pela série “O Reino por Elas” que está no Instagram do Tiago (prtiaigorodrigues) onde ele conversou com algumas mulheres justamente sobre essa questão do Reino. Então a Tiago, fala aí um pouquinho pra gente sobre a série.

[Tiago] É uma série com sete encontros, mas com mais de sete mulheres que participaram, e a proposta foi ouvir realmente as mulheres falando sobre questões de espiritualidade, sobre como elas se percebem no Reino de Deus, e a conversa entre arte e espiritualidade, mas também com essa visão feminina: como é que elas estão percebendo os espaços que elas têm. Então é uma série de conversas em que a gente está basicamente ouvindo mulheres falando sobre esses assuntos, especialmente sobre espiritualidade, fé e sobre os espaços na religião, sobre a compreensão delas de justiça... Foi bem legal!

[Isabella] Eu assisti e inclusive foi uma das coisas que fomentou a discussão entre a Liz e eu pra gente poder trazer gente nova aqui pro podcast e também vai o nosso convite pra você quer está ouvindo, seja mulher ou homem, para que você abra também esses espaços. E se você gostou do conteúdo que a gente

está fazendo aqui, não se assuste com “um podcast feito por mulheres e para mulheres”, mas convide outras pessoas também, os homens principalmente, para estar aqui com a gente toda semana.

•••

[Isabella] Que nessa semana você seja um catalisador e promotor de diálogos construtivos em espaços de aprendizados justos e diversificados.

[Liz] Para continuar essa e outras conversas você nos encontra no Instagram como Liz Motta Hermann.

[Isabella] Me encontra no @namelhormissao.

[Liz] Ou pelo nosso perfil @podcastentrenos. Obrigada por desatar esse nó com a gente. Até semana que vem.